

P. ANTÔNIO GIACONE: *Pequena Gramática e Dicionário da Língua "Taliáseri" ou "Tariana"*. 110 págs., com ilustrações. Missão Indígena Salesiana de Iauareté. Rio Uaupés-Rio Negro. Amazonas. Escola Tipográfica Salesiana. Salvador, 1962.

O padre Antônio Giacone, que desde o ano de 1925 é missionário salesiano na região do Rio Negro, nos dá, com esta gramática e dicionário, mais um precioso estudo sobre uma das línguas faladas na região amazônica. Tendo publicado em 1949 o conhecido trabalho "Os Tucanos e outras tribos do rio Uaupés, afluente do Rio Negro, Amazonas" e, em 1955, "Pequena Gramática e Dicionário da Língua Hubdeneher ou Macú", o esforçado missionário vem prestando um serviço inestimável para a lingüística indígena do Brasil.

Para se aquilatar da importância desta obra, atente-se para as palavras iniciais do autor quando explica como surgiu este trabalho. São suas as palavras seguintes: "Nos anos de 1946 e 1947 estava recolhendo material lingüístico e etnográfico da tribo Tucano, língua que é falada pelos índios de tôdas as tribos do Uaupés e afluentes, como o rio Papuri e Tiquié. Conversando numa roda de Tarianos sobre esse material recolhido, o tucháua Leopoldino me disse: "Escreva também a nossa língua Tariana como escreveu a dos Tucanos. Se continuarmos assim, a nossa língua vai desaparecer por completo, porque nossos filhos antes de entrar na escola da Missão, só falam a língua das mães que são piratapúias, tucanas, uananas, arapaços, depois na escola aprendem português e assim não falam mais a nossa língua tariana". Qualquer outra palavra parece ser dispensável para mostrar da importância do trabalho do padre Giacone que, atendendo ao apêlo dos próprios índios, ordenou gramaticalmente a língua em apreço (págs. 17-61) e fez um dicionário português-taliáseri ou tariano (págs. 65-110). A gramática propriamente dita ocupa as páginas 17-47, ocorrendo desta última página até a página 61 uma série de frases tariano-português. Embora singela e feita segundo os moldes das gramáticas clássicas, é fora de dúvida que o autor nos proporcionou uma visão bastante satisfatória do tariano, completada por um bom dicionário.

*Carlos Drummond*

FARIS ANTÔNIO S. MICHAELE: *Breve Introdução à Antropologia Física (Suas Relações com a Antropologia Cultural)*. 189 págs., com 1 fotografia. Edição da Superintendência do Ensino Superior do Estado do Paraná. Curitiba, 1961.

Este livro, ornado com o retrato do autor, representa uma das poucas tentativas, em nossa terra, de resumir os principais dados da antropologia física para uso de estudantes universitários. Trata-se de uma tarefa cada vez mais difícil, diante da qual recuam em geral os mais competentes especialistas na matéria. Empreendeu-a Faris Michaele ante a insistência de seus ex-alunos da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa e com o apoio de altas autoridades responsáveis pela organização do ensino no Estado do Paraná. Reconhece o autor a "modesta significação" de seu trabalho, "embora não lhe escasseie boa intenção e sinceridade".

Faris Michaele é membro de mais de cinquenta sociedades, institutos e academias científicas, literárias, artísticas e de intercâmbio cultural nacionais e estrangeiras, carinhosamente arroladas nas páginas iniciais de seu livro. Em Ponta Grossa, onde exerce intensa atividade intelectual, rege ou regeu a Cadeira de Antropologia da Faculdade de Filosofia.

Fruto de um heróico esforço de autodidata, o volume é testemunho da afoiteza com que se vêm instalando faculdades pelo Brasil afora. E' claro que nenhum professor deveria ser onerado com a responsabilidade do ensino universitário sem que se lhe tenha proporcionado previamente a oportunidade de aperfeiçoar os seus conhecimentos em instituições capazes de dar-lhe a formação necessária ao desempenho de sua missão. E essa formação não se adquire com ânimo isolado, por persistente que seja, mas com auxílio de uma orientação sistemática e sàbiamente conduzida.

Ninguém consegue hoje em dia, individualmente, dominar todos os setores da antropologia física a ponto de reduzir o seu estado atual a uma exposição didática realmente equilibrada e segura. Nada mais fácil, por isso, do que uma série de críticas a qualquer empresa dessa ordem.

Diante do que dissemos, não nos cabe julgar o trabalho, senão caracterizá-lo através de um comentário geral. A distribuição da matéria pelos diferentes capítulos não oferece muita novidade. Segue, como se lê no prefácio, o programa outrora desenvolvido por Artur Ramos em seus cursos de introdução na Universidade do Brasil. Ao explicar os vários temas, o autor teve a preocupação de não proceder de forma demasiado árida e de participar ativamente na discussão de questões controvertidas. Fá-lo em tom nem sempre sereno e em estilo um tanto barroco, por vèzes panfletário. Não há dúvida de que a crítica acerba e as apóstrofes com que se vituperam os que erraram ou parecem ter errado desperta mais facilmente a primeira curiosidade do neófito do que o conseguiria o exame cuidadoso, por exemplo, do sentido que hoje se empresta à evolução biológica na diferenciação dos tipos humanos, exame que, ademais, deveria ser conduzido sempre de forma a com êle se apresentarem ao estudante, ainda que subrepticamente, os conhecimentos básicos e as categorias científicas de que não poderá prescindir, mais tarde, ao encarar tais ou quais aspectos particulares do assunto no empenho de formar, com discernimento, o seu próprio juízo sôbre a validade e o alcance das conclusões a que cheguem ou tenham chegado, em seus vários trabalhos, investigadores com diferentes métodos e técnicas. E é preciso que se faça o estudante conhecer e dominar razoavelmente êsses procedimentos através de exercícios de pesquisa.

O livro contém grande cópia de dados da mais variada procedência. Não falta acaso ao Professor Michaele informação bibliográfica, nem tampouco erudição. Das centenas de fontes enumeradas nas páginas finais muitas foram aproveitadas, às vèzes com acêrto, para dar uma idéia de alguns dos resultados obtidos neste ou naquele setor das ciências humanas. Para maior firmeza e consistência do conjunto o autor deveria poder apoiar-se na experiência pessoal de anos seguidos na investigação de problemas específicos da antropologia física. Mas é claro que tal requisito preenchê-lo-á sômente o professor que na regência da cátedra tenha condições para se dedicar a trabalhos de campo e de laboratório.

*Egon Schaden*

JOSEPH CASAGRANDE (Editor): *In the Company of Man. Twenty Portraits by Anthropologists*. XVI + 540 págs., com ilustrações. Harper & Brothers. Nova Iorque, 1960. (Preço: US\$ 7.50).

Êste livro focaliza vinte informantes de que se valeram vinte antropólogos, norteamericanos e inglêses, na realização de seus trabalhos de campo. Embora esteja implícito na apresentação dêsses personagens que êles deverão conduzir a uma visão da sociedade a que pertencem enquanto encarnada e realizada em comportamentos típicos